

Orientações Pedagógicas

Crônica e Conto

9º Ano | 2º Bimestre | 2º Ciclo

APRESENTAÇÃO

As *Orientações Pedagógicas* oferecem a você um guia acadêmico panorâmico em relação às variadas possibilidades de desenvolvimento dos tópicos previstos no eixo bimestral do Currículo Mínimo. Aqui se expõem e comentam detalhadamente três tipos de materiais que você pode utilizar para planejar suas aulas: livros teóricos para a complementação da sua formação, livros didáticos adotados na rede e *links* que disponibilizam materiais de qualidade. Tudo isso, vale frisar, está explicitamente relacionado aos tópicos a serem abordados no bimestre em questão e, com frequência, está recortado através da indicação de capítulos ou trechos específicos.

As *Orientações Pedagógicas* apresentam estrutura regular e facilmente reconhecível. São divididas em seções que estão organizadas em torno de perguntas que guiam nossas reflexões, como seguem:

O que ensinar?

- Esta seção retoma os descritores do Currículo Mínimo a serem desenvolvidos no bimestre em questão, de modo que esses sirvam como referência para a construção das demais seções e, já no Roteiro de Atividades, possam ser concretizados através de atividades específicas.



Por que ensinar?

- **Comenta fundamentação teórica que justifica a presença dos assuntos propostos no Currículo Mínimo e a relevância dos mesmos. Também indica o lugar ocupado pelo gênero textual em questão na organização curricular, assim como sua circulação efetiva, sua relevância social e visibilidade.**

Condições prévias para aprender

- **Apresenta conceitos e atividades consideradas pré-requisitos para o desenvolvimento dos descritores estabelecidos no eixo bimestral e expõe a infraestrutura básica para desenvolver as atividades propostas.**

Como ensinar?

- **Descreve e comenta estratégias relacionadas ao desenvolvimento dos conteúdos previstos e ainda seleciona e comenta livros teóricos, livros didáticos e links que contenham material a ser usado por você na fase de planejamento das suas aulas.**



Como avaliar?

- Sugere caminhos para a elaboração das atividades de avaliação, tendo em vista a busca de coerência em relação ao trabalho desenvolvido ao longo do eixo bimestral. Destaca tópicos e estratégias para orientar os alunos no sentido do aperfeiçoamento de suas habilidades e competências.



O QUE ENSINAR?

LEITURA

- Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.
- Identificar os elementos do enredo: apresentação, complicação, clímax e desfecho.
- Identificar e comparar os gêneros em questão.
- Reconhecer a importância do conto oral para o povo indígena e o africano.
- Reconhecer a importância da crônica e do conto na literatura nacional.
- Distinguir texto ficcional e não-ficcional; fato e opinião.

USO DA LÍNGUA

- Identificar a presença de figuras de palavra, pensamento e de sintaxe nos gêneros estudados.
- Identificar o uso dos discursos direto e indireto.

- Reconhecer o encadeamento das orações pelo mecanismo da coordenação.
- Relacionar o uso de conjunções coordenativas variadas aos sentidos produzidos nas sequências.

PRODUÇÃO TEXTUAL

- **Planejar e produzir um texto narrativo com base nos gêneros estudados.**

Neste 2º ciclo, o foco recai sobre o gênero textual “conto”. Diferentemente da crônica, gênero focalizado no ciclo anterior, o conto – texto predominantemente narrativo e de maior extensão – possibilita o desenvolvimento mais aprofundado das habilidades/competências que envolvem os elementos composicionais da narrativa e do enredo. Tal estudo representa, também, uma oportunidade para o aluno entrar em contato a tradição africana e a indígena e, assim, reconhecer a importância cultural das narrativas.

POR QUE ENSINAR?

Entre as principais recomendações dos PCN, está a de que se busque trabalhar, na aula de língua materna, com a maior variedade possível de gêneros textuais. Essa estratégia deve ser utilizada sobretudo com os gêneros aos quais o aluno se encontra exposto no cotidiano e com aqueles que mais influenciam na ampliação de sua competência para atuar socialmente.

Deve-se privilegiar, conforme ressaltam os PCN, gêneros que “podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem”¹. Dentre esses, situam-se os literários, como, por exemplo, a crônica e o conto, gêneros sobre os quais recai a nossa atenção neste segundo bimestre. No primeiro ciclo, o enfoque das *Orientações Pedagógicas* e do *Roteiro de Atividades* esteve sobre a crônica. Agora, no segundo ciclo, será privilegiado o estudo do conto.

Uma das justificativas para o trabalho com os contos na aula de Língua Portuguesa está relacionada à circulação social do gênero. É importante frisar que, muito pela sua origem na tradição oral, o conto faz parte da vida de todos nós. Não se pode negar que se trata de um

¹ BRASIL. MEC, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Secretaria de Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001. Brasil, 1998. p. 24.

gênero com o qual grande parte dos alunos trava contato antes mesmo de iniciar o processo de escolarização, já que algumas de suas sub-categorias, como as narrativas de encantamento, são comumente transmitidas oralmente dos pais para os filhos, desde os primeiros anos da infância, como no caso dos contos de fada.

Não são apenas as narrativas de encantamento que têm grande circulação entre nós. Nomes como Machado de Assis, Lima Barreto, Mário de Andrade incursionaram na escrita de contos e possuem obras-primas que circulam em antologias e em livros didáticos. Atualmente, o conto continua sendo um dos gêneros mais produzidos em nossa literatura.

Outra razão que torna oportuno o trabalho com o conto, neste bimestre, relaciona-se à natureza essencialmente narrativa que compartilha com a crônica (gênero que o precede no Currículo Mínimo) e com o romance (gênero subsequente no Currículo Mínimo). Apesar de sua difícil definição, o gênero “conto”, ao ser focalizado entre essas duas espécies narrativas, tem seus traços característicos mais facilmente ressaltados.

Embora, geralmente, seja mais extenso que a crônica, o conto é considerado curto se comparado ao romance. Entretanto, não é apenas na extensão que reside a diferença entre essas narrativas. O modo como cada um desses gêneros estrutura seus elementos fundamentais (personagens, enredo, narrador, tempo e espaço) também difere bastante.

Enquanto o romance pode desenvolver vários segmentos de enredo, como, por exemplo, histórias de personagens secundários em volta da trama do personagem principal, o conto costuma possuir uma única trama. Além disso, o conto não explora com riqueza certos elementos da narrativa, como o espaço e o tempo – o que também se percebe na crônica narrativa.

No conto, as referências ao espaço em que se desenvolve a trama não são carregadas de longas descrições (como se costuma observar nos romances) e limitam-se a contextualizar “espacialmente” o leitor. O elemento “tempo”, por sua vez, nem sempre é facilmente detectado na crônica e no conto, diferente do que ocorre no romance. Toda essa discussão é importante para o aluno, uma vez que se possibilita a ampliação de seu conhecimento acerca da tipologia textual narrativa e funciona, paralelamente, como uma espécie de “introdução” à leitura do romance.

O estudo do conto favorece, também, o desenvolvimento da principal habilidade do eixo de *Leitura* prevista para esse bimestre: a identificação dos elementos do enredo (apresentação, complicação, clímax e desfecho). Diferentemente da crônica, que, muitas vezes, não apresenta a estrutura típica de um enredo, o conto costuma apresentar todos esses elementos, ainda que a ordem dos mesmos possa fugir do que é tido por tradicional.

O trabalho com esse gênero permite, ainda, trazer à cena, de forma contextualizada, os contos orais de matiz indígena e africana. Mais do que atender a um dispositivo legal², a análise de narrativas indígenas e africanas na sala de aula contribui para que os alunos tenham uma compreensão inicial acerca do hibridismo cultural que marca nosso país. Possibilita, também, a discussão de questões etnicorraciais muito importantes para a convivência sadia e respeitosa dentro e fora da escola.

No gênero “conto”, é bastante comum o desenrolar de histórias imbuídas de simbolologias, para as quais a habilidade do autor em utilizar a figuratividade é fundamental. Sendo um gênero rico em figuras de linguagem, o conto propicia um trabalho produtivo de identificação de figuras de palavra, de pensamento e de sintaxe, uma das habilidades de *Uso da Língua* previstas para o presente ciclo. Isso favorece, inclusive, a identificação de traços da cultura indígena e africana.

Além das habilidades citadas, para as quais proporciona desenvolvimento em momento adequado, é necessário lembrar que o gênero “conto”, com suas histórias surpreendentes e personagens intrigantes, ajuda a desvelar valores circulantes socialmente, assim como diferentes dimensões sob as quais a vida se apresenta a cada um dos alunos.

O estudo do gênero “conto” pode contribuir para o desenvolvimento da habilidade de *Produção Textual* prevista para o bimestre. Isso porque, neste ciclo, o aprofundamento da estrutura prototípica de textos narrativos e dos elementos do enredo pode ampliar a capacidade de o aluno desenvolver textos tecnicamente mais sólidos.

Pertencentes à tradição literária ou à tradição oral, os contos apresentam, ficcionalmente, momentos singulares que envolvem a experiência humana. A variedade de temas e situações exploradas nessas narrativas encontra, muitas vezes, ressonância nas experiências vividas pelos alunos, algo que, sem dúvida, favorece o surgimento de momentos de reflexão e possível crescimento pessoal.

2 A Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, torna obrigatória, nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. O texto da lei enfatiza que “os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras”.

CONDIÇÕES PRÉVIAS PARA APRENDER

Neste 2º ciclo, algumas habilidades trabalhadas no ciclo anterior precisam ser retomadas para o estudo do conto, tendo em vista que, novamente, será focalizado um gênero em que predomina a tipologia narrativa.

O quadro, a seguir, apresenta as habilidades prévias necessárias ao aluno para o desenvolvimento das habilidades previstas para este ciclo.

EIXOS	HABILIDADES	CONDIÇÕES PRÉVIAS
LEITURA	<ul style="list-style-type: none"> Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito. 	<ul style="list-style-type: none"> Diferenciar autor de narrador. Diferenciar as marcas da 1ª pessoa das marcas da 3ª pessoa do discurso.
	<ul style="list-style-type: none"> Identificar os elementos do enredo: apresentação, complicação, clímax e desfecho. 	<ul style="list-style-type: none"> Perceber que o enredo se desenvolve em um <i>continuum</i>, isto é, de maneira gradativa.
	<ul style="list-style-type: none"> Identificar e comparar os gêneros em questão. 	<ul style="list-style-type: none"> Distinguir texto ficcional e não-ficcional. Reconhecer a estrutura da crônica.
USO DA LÍNGUA	<ul style="list-style-type: none"> Identificar a presença de figuras de palavra, pensamento e de sintaxe nos gêneros estudados. 	<ul style="list-style-type: none"> Reconhecer os significados dicionarizados das palavras. Distinguir a linguagem conotativa da linguagem denotativa. Identificar os mecanismos de construção da linguagem figurada (3º bimestre do 8º ano do E.F – conforme o Currículo Mínimo de 2011).
	<ul style="list-style-type: none"> Identificar o uso dos discursos direto e indireto. 	<ul style="list-style-type: none"> Reconhecer usos e formas dos verbos <i>dicendi</i>. Reconhecer os tempos e os modos verbais. Reconhecer uso de travessões e aspas como pontuação presente na apresentação das falas de personagens.

<p>PRODUÇÃO</p> <p>TEXTUAL</p>	<ul style="list-style-type: none"> Planejar e produzir um texto narrativo com base nos gêneros estudados. 	<ul style="list-style-type: none"> Conhecer a função da paragrafação e da pontuação. Desenvolver as habilidades presentes neste ciclo, tais como: <ul style="list-style-type: none"> Conhecer os elementos da narrativa; Conhecer os elementos constitutivos do enredo; Identificar os usos dos discursos direto e indireto; Reconhecer usos e formas dos verbos <i>dicendi</i>.
--	--	---

COMO ENSINAR?

As propostas de trabalho e as referências bibliográficas que estruturam esta seção se direcionam, especificamente, às habilidades/competências focalizadas neste 2º ciclo. No entanto, observando a possibilidade desenvolvê-las por estratégias semelhantes, optou-se por reuni-las em três sequências didáticas. Dessa forma, espera-se conferir mais clareza e dinamismo à seção.

Você verá que, para cada uma das sequências didáticas, há um quadro-síntese, em que se destaca a temática central da sequência e as habilidades que a estruturam. Observará, também, que as sequências foram divididas em *passos*, nos quais se introduzem os conteúdos a serem trabalhados e, em seguida, se apresentam sugestões de *dinâmicas* concretas para a sala de aula.

Sequência didática 1: O gênero literário “conto”
<p>Nesta primeira sequência didática, foram agrupados dois descritores de <i>Leitura</i> e um de <i>Uso da Língua</i> relacionados ao estudo do conto. A apresentação desse gênero literário possibilita uma compreensão maior sobre sua importância para a literatura e os elementos que compõe o seu enredo.</p>
<p>EIXO: LEITURA</p> <ul style="list-style-type: none"> Reconhecer a importância da crônica e do conto na literatura nacional. Identificar os elementos do enredo: apresentação, complicação, clímax e desfecho. <p>EIXO: USO DA LÍNGUA</p> <ul style="list-style-type: none"> Identificar a presença de figuras de palavra, pensamento e de sintaxe nos gêneros estudados.

PASSO 1: APRESENTAR O GÊNERO “CONTO”

Os contos são narrativas cuja origem é de difícil precisão. Fato é que contar histórias constitui-se em hábito comum às civilizações, mesmo em culturas ágrafas, nas quais essas histórias sobreviveram através dos tempos por conta da transmissão oral.

Um aspecto que pode ser ressaltado em sala de aula é que esse tipo de narrativa foi fortemente influenciada pelos europeus, que nos trouxeram contos representativos de sua multifacetada cultura, talvez com maior força que outros povos, por ser uma “cultura dominante”. Para isso, muito contribuiu o fato de grande parte de suas narrativas terem sido publicadas em livros, não dependendo da oralidade para a sua sobrevivência.

Na apresentação do gênero, é preciso enfatizar a importância do gênero para a literatura nacional, mostrando que, no Brasil, grandes escritores tiveram, na produção do conto, grande projeção. Exemplos não faltam: textos de Machado de Assis, Mário de Andrade, Lima Barreto, Carlos Drummond de Andrade, entre outros, são leitura obrigatória para os amantes de literatura.

É importante que ressaltar, também, que, além dos contos publicados em livros, muitos contos de tradição oral, popularizados, através de fábulas, “causos” e até mesmo cantigas de rodas, têm origem europeia. Esse legado popular enriquece o painel literário brasileiro e tem grande importância na formação cultural do nosso país.

Os contos ditos populares obedecem a uma moral e, didaticamente, levantam discussões sobre conflitos humanos. Pelo convite à reflexão sobre a vida concreta, o trabalho com esse gênero revela-se estimulante, pois o conto ultrapassa a narrativa de aspectos mágicos, fantásticos ou de encantamento – categorias com as quais a maior parte dos alunos já teve algum contato em sua vida escolar.

Além disso, essas narrativas populares ajudam a situar a provável origem do gênero textual “conto”, muito embora, hoje, a crítica especializada estabeleça a demarcação de uma nítida fronteira entre o conto de tradição oral, tido como popular, e o conto de tradição literária. Enquanto as fábulas, lendas, casos de assombração transmitem uma certa espontaneidade e são marcados pelo anonimato, característico da produção coletiva, as narrativas denominadas “estéticas” – romances, contos, novelas – incorporam características mais artificiais e compõem o sistema que agrega as obras literárias.³

3 SARAIVA, Juracy Assmann. Contos da tradição literária. In.: _____. **Conto e reconto:** literatura e (re)criação. Disponível em: <http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/151433Contoreconto.pdf>. p. 46.

Seja no ambiente familiar ou no escolar, a maioria dos jovens do nosso país foi apresentada ao gênero “conto” em algum momento de sua vida, o que deve ser sempre aproveitado no processo de ensino e aprendizagem. Independentemente de serem denominadas de populares, essas narrativas, na forma escrita ou oral, podem ser consideradas uma ótima introdução à arte literária, já que trazem ao leitor/ouvinte, de forma simples e acessível, enredos e temas frequentes na poesia ou mesmo nos contos literários.

DINÂMICA: ANÁLISE DA ESTRUTURA DO ENREDO

O conto, devido à sua curta extensão, permite que seja feita, durante a própria aula, uma leitura compartilhada em sua totalidade. Essa leitura compartilhada pode vir a facilitar a compreensão da narrativa e sugerir modos de interpretação dos quais o aluno pode se apropriar para a leitura futura do romance.

Para organizar a leitura, é preciso entender que não é suficiente que a história tenha começo, meio e fim, sem que haja um elemento básico e estruturador da narrativa, algo que gere tensão e prenda a atenção do leitor. Esse elemento é o conflito, que possibilita ao leitor-ouvinte criar expectativas frente aos fatos do enredo e, por isso, determina as partes do enredo⁴.

Um bom exemplo para a análise da estrutura clássica do enredo é o conto *A cartomante*, de Lima Barreto, proposto como texto gerador no *Roteiro de Atividades*. Através da leitura do texto sugerido, os alunos podem ser convidados a identificar as partes principais do enredo (a apresentação, a complicação, o clímax e o desfecho), conforme o quadro que se segue.

4 Cf. GANCHO, Candida Vilares. **Como analisar narrativas**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1997.

ENREDO ► Conjunto de fatos que compõem a história (intriga, trama). ► Os fatos, organizados numa relação causa-efeito, criam uma ilusão de verdade.	ESTRUTURA CLÁSSICA:	1. Apresentação ou exposição: descrição dos personagens, do tempo e/ou do espaço.
		2. Complicação: parte em que se desenvolve o conflito.
		3. Clímax: momento de maior tensão da narrativa.
		4. Desfecho ou conclusão: a solução dos conflitos.

Obs.: Algumas narrativas apresentam um *enredo psicológico*: os fatos nem sempre são evidentes, ou seja, não equivalem a ações concretas, mas a movimentos interiores.

A apresentação de quadros é bastante comum em livros didáticos. Portanto, qual seria a inovação em apresentar mais um? Na verdade, a mera apresentação não importa tanto quanto o processo de construção do conhecimento. Antes de se mostrar o quadro com a estrutura clássica, podem ser retirados os nomes das partes do enredo e suas respectivas definições, para que, paulatinamente, eles sejam preenchidos pelos alunos em sala de aula.

Ao construir as informações da esquerda para a direita, você poderá hierarquizá-las, o que auxiliará os alunos a compreendê-las. Assim, você trará aos alunos, primeiramente, a informação sobre enredo. Poderá perguntar, por exemplo: “Do que trata a história?”, “Qual é o seu mote?”, “Se lhes pedissem para falar a respeito dela, o que diriam?”. Essas são perguntas simples que ajudariam a compor uma definição de enredo.

O mesmo procedimento poderia ser adotado para a identificação das partes do enredo. Pela sua condução, o preenchimento do quadro continuaria sendo uma produção conjunta. Seu papel básico seria o de auxiliar na estruturação das frases, mas, principalmente, provocar a contribuição dos alunos.

Ao final, discuta com os alunos a importância de cada momento identificado no conto estudado e aproveite o debate para trabalhar com as questões que envolvam essa habilidade no *Roteiro de Atividades*.

PASSO 2: CONCEITUAR E DIFERENCIAR AS FIGURAS DE LINGUAGEM

As figuras de linguagem são recursos linguísticos que o falante ou escritor utiliza para dar maior expressividade à sua mensagem. Identificar sua presença nos textos literários auxilia na compreensão e permite observar a beleza da linguagem e o significado simbólico das palavras e dos textos.

É necessário ressaltar que, apesar da expressividade alcançada com a utilização das figuras de linguagem ser um recurso comum da literatura, elas também estruturam as falas cotidianas. A forma como pensamos, como vivemos o nosso cotidiano, como nos relacionamos com as pessoas, por exemplo, são traduzidas por metáforas conceituais.

Você pode, portanto, partir dessa perspectiva para que os alunos compreendam melhor a expressividade alcançada pela utilização das figuras de linguagem. É preciso que eles entendam que o uso dessas figuras é comum tanto nos discursos cotidianos quanto nos textos literários. Essa estratégia pode representar, assim, um dos primeiros passos para desmistificar a dificuldade no aprendizado de figuras.

DINÂMICA: IDENTIFICAÇÃO E DISTINÇÃO DE FIGURAS DE LINGUAGEM

- a) Para iniciar essa dinâmica, a turma pode fazer a atividade individualmente, em duplas ou em grupos. O início da atividade compreende a leitura dos contos selecionados pelo professor e a identificação das palavras ou expressões com sentido figurado.
- b) A partir dessa seleção, os alunos ou equipes devem listar essas expressões ou palavras com sentido figurado e fazer uma breve explicação de como alcançaram o sentido conotativo da palavra ou expressão.
- c) Somente a partir da identificação das palavras ou expressões em seu sentido figurado, você deverá apresentar uma listagem com as classificações e os conceitos das principais figuras de linguagem. Como na apresentação dos elementos do enredo, você poderá construir um quadro em conjunto. Entretanto, os alunos apresentariam, primeiramente, o entendimento sobre cada passagem que tenham destacado.

Perguntas motivadoras que impliquem justificativas para a escolha das passagens podem auxiliar na construção das definições. Caberá a você, então, filtrar as explicações e ajudá-los na classificação das figuras.

Para facilitar essa análise, você poderá utilizar quadros-síntese como os que se seguem⁵. Eles poderão ser alterados conforme o andamento da aula e o ritmo da turma. Algumas figuras podem ser acrescentadas – com o anacoluto, por exemplo – e outras, retiradas. Além disso, você pode aprofundar a explicação de figuras mais comuns – como a metáfora – e sintetizar as definições, evitando termos rebuscados e complexos.

FIGURAS DE PALAVRAS	CONCEITO
Metáfora	É o mecanismo por meio do qual um termo é utilizado para substituir outro através de uma relação de semelhança resultante da subjetividade de quem o cria. A metáfora também pode ser entendida como uma comparação abreviada, em que o conectivo não está expresso, mas subentendido.
Comparação	É a aproximação entre dois elementos que se identificam, ligados por conectivos comparativos explícitos – “feito”, “assim como”, “tal”, “como”, “tal qual”, “tal como”, “qual”, “que nem” – e alguns verbos – “parecer”, “assemelhar-se” e outros.
Metonímia	Figura caracterizada pela substituição de uma palavra por outra, havendo entre ambas algum grau de semelhança, relação, proximidade de sentido ou implicação mútua. Tal substituição fundamenta-se numa relação objetiva, real, realizando-se de inúmeros modos.

FIGURAS DE PENSAMENTO	CONCEITO
Ironia	É figura de linguagem que, pelo contexto, entonação, contradição de termos, indica o contrário do que as palavras ou orações parecem exprimir. A intenção é, normalmente, depreciativa ou sarcástica.
Antítese	Recurso utilizado para aproximar palavras ou expressões de sentidos opostos.
Eufemismo	Mecanismo que consiste em suavizar a expressão de uma ideia triste ou trágica com palavras amenas.

5 Cf. FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de; MARUXO Jr, José Hamilton. **Língua Portuguesa**: linguagem e interação. Vol. 1. São Paulo: Ática, 2010; CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português**: linguagens. Vol. 1. 7. ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2010.

FIGURAS DE PENSAMENTO	CONCEITO
Personificação ou prosopopéia	É a figura que atribui movimento, ação, fala, sentimento, enfim, caracteres próprios de seres animados, a seres inanimados ou imaginários.
Hipérbole	Recurso por meio do qual se expressa um exagero de uma ideia, a fim de proporcionar uma imagem emocionante e de impacto.

FIGURAS DE SINTAXE	CONCEITO
Elipse	É a figura em que há omissão de um termo ou oração que facilmente podemos identificar ou subentender no contexto. Pode ocorrer na supressão de pronomes, conjunções, preposições ou verbos. É um poderoso recurso de concisão e dinamismo.
Pleonasma	Como recurso de expressividade, é a reiteração de um ideia subentendida. Também entendida em alguns contextos como redundância.



Essa primeira atividade, um pouco mais tradicional, pode ser complementada pela análise de manchetes de jornais populares, cujo trabalho com figuras de linguagem é bem interessante. Como ilustração, destaca-se esta capa do jornal *Meia Hora*:

A notícia da morte de um traficante, cujo vulgo era “Matemático”, oportuniza ao jornalista responsável a criação de vários trocadilhos com base em figuratividade. Evidencia-se, assim, a estratégia de utilizar-se da extensão de significados de algumas palavras em que se recorre ao campo semântico da matemática. Partindo dessas associações, você pode:

- Utilizar a expressão popular “Comer capim pela raiz”, explicando que se trata de um eufemismo para morte. Incentive os alunos a trabalhar com a noção de espaço, que os levará à a significação da expressão. Perguntas simples como “Onde fica a raiz das plantas?” e “Como se pode alcançá-las?” ativariam a significação de morte.
- Trabalhar o conceito de metáfora a partir de “subtrair”. Busque o valor denotativo da expressão e aplique a extensão de significado posteriormente com “subtrair vida” = “tirar a vida”. Explique a relação de semelhança que se aplica, localizando a metáfora.

Essa estratégia, além de enriquecer sua aula, poderá reforçar a ideia de que as figuras de linguagem são recursos comuns tanto na linguagem literária como na linguagem não literária. É o momento certo para mostrar a riqueza de recursos de que dispomos na criação de significados.

Sequência didática 2: Os elementos da narrativa no conto
Na segunda parte, foram agrupados um descritor de <i>Leitura</i> e outro de <i>Uso da Língua</i> que, por se referirem aos textos narrativos, podem contribuir para a identificação do papel da oralidade para os africanos e os indígenas.
<p>EIXO: LEITURA</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito. ■ Reconhecer a importância do conto oral para o povo indígena e o africano. <p>EIXO: USO DA LÍNGUA</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Identificar o uso dos discursos direto e indireto.

PASSO 1: APRESENTAR OS ELEMENTOS DA NARRATIVA

Um traço distintivo do conto perante outros gêneros – que, todavia, não deve ser considerado isoladamente – é a curta extensão. De sua brevidade, derivam outras características que acabam por influenciar quase todos os seus elementos constituintes: personagens, tempo, espaço, narrador e enredo (já apresentados na sequência didática 1).

Para auxiliar na dinâmica que será sugerida, posteriormente, nesta sequência, você poderá apresentar aos alunos os quadros que seguem:

<p>PERSONAGEM(S)</p> <p>Aquele(s) que faz(em) a ação; agente(s) da narrativa.</p>	<p>Quanto ao papel que desempenha(m) no enredo:</p>	<p>Protagonista (personagem principal): <i>herói</i>, se apresentar características superiores às de outros personagens, ou <i>anti-herói</i>, se, mesmo na ausência de qualidades excepcionais, exercer a função de herói.</p> <p>Antagonista (elemento que se opõe ao protagonista).</p> <p>Personagens secundários (têm menor participação no enredo).</p>
	<p>Quanto à caracterização:</p>	<p>Personagens planas: caracterizados por um traço básico, que é o comportamento simétrico em todo o texto, sem variações; apontam <i>tipos</i> ou <i>caricaturas</i>.</p> <p>Personagens redondas: sua descrição é realizada com maior profundidade, destacando traços físicos, psicológicos, sociais, ideológicos e morais.</p>

<p>NARRADOR</p> <p>Elemento organizador de todos os outros componentes, responsável pela aproximação entre o que é narrado e o leitor do texto.</p>	<p>Observador: Posiciona-se fora dos fatos narrados (discurso em 3ª pessoa).</p> <p>Quanto à caracterização:</p>	<p>Sob qual PONTO DE VISTA?</p> <p>A visão DE FORA: limita-se ao que observa, sem poder captar pensamentos, emoções ou intenção dos personagens.</p> <p>A visão COM: limita-se ao saber da própria personagem sobre si mesma e sobre os acontecimentos que a cercam.</p> <p>A visão POR TRÁS: domina todo um saber sobre a vida da personagem e sobre a história.</p>	<p>Neutro: no encadeamento dos fatos, busca a imparcialidade, “escondendo-se” na ação dos personagens.</p>
			<p>Intruso: comenta, criticamente, fatos da história; tece relações sobre trechos da obra; dirige-se, diretamente, ao leitor.</p>
	<p>Personagem: atua como testemunha dos fatos narrados, podendo ser o protagonista da história (discurso em 1ª pessoa).</p>		

TEMPO Momento histórico em que se realiza o enredo.	Cronológico: transcorre na ordem natural dos fatos no enredo; é mensurado, pois, em horas, dias, meses, anos...
	Sequência não-linear: marcada por antecipações, retomadas (<i>flash-back</i>), resumos e elipses (omissões de determinados acontecimentos) e digressões (comentários paralelos).
	Psicológico: determinado pela imaginação do narrador ou das personagens.

ESPAÇO

O lugar físico onde se passa a ação narrada. Influencia diretamente no desenvolvimento do enredo, unindo-se ao tempo.

Obs.: Não podemos confundir o espaço com a *ambientação*: o conjunto de traços socioeconômicos, morais e psicológicos em que se inserem as personagens.

DINÂMICA: RECONHECIMENTO DOS ELEMENTOS DA NARRATIVA

É importante que, antes da realização da dinâmica, as informações teóricas tenham sido observadas nos quadros. Após esse primeiro momento, você poderá continuar com os seguintes procedimentos:

- Pedir aos alunos que identifiquem quem “conta” a história. Um observador afastado dos fatos ou um narrador que está envolvido no enredo? Essa identificação é possível através da flexão das pessoas dos verbos no conto ou pela utilização de pronomes.
- Solicitar aos alunos que identifiquem o momento histórico narrado no conto. É um texto temporal, com marcação de tempo, ou atemporal, sem “pistas” que possam identificar a data de sucessão dos fatos? O tempo é cronológico ou não-linear?
- Pedir para os alunos identificarem as descrições dos objetos e dos lugares, a fim de estabelecer o espaço na narrativa.

d) Solicitar que os alunos identifiquem e classifiquem as personagens, quanto à sua apresentação, através das descrições ou das ações.

e) Pedir, por fim, que os alunos identifiquem o desenvolvimento da complicação e solicitar que a relacionem com os outros momentos da narrativa, como o clímax e o desfecho.

Mais uma vez, essa primeira estratégia pode ser complementada por atividades extras, conforme o nível da turma, o conhecimento compartilhado etc. Tais informações podem e devem ser utilizadas por você no andamento das aulas para identificar o melhor procedimento a ser adotado.

Sendo assim, algo bem interessante com que se pode trabalhar são os *Role Playing Games* (RPGs), muito populares entre adolescentes (e até entre adultos!). Nesse tipo de jogo, assumem-se papéis de personagens e as narrativas são construídas colaborativamente.

O portal RPG online (<http://www.rpgonline.com.br/>) disponibiliza a participação nos jogos. Os alunos poderiam inscrever-se no site e, posteriormente, relatar as atividades da narrativa (Quem são as personagens envolvidas? Os colegas de sala participam juntos? Qual é o espaço em que ocorre a aventura?). A utilização dessa estratégia pode gerar bons frutos, já que as características das personagens, normalmente, incluem poderes sobrenaturais que funcionam por meio da colaboração.

PASSO 2: DESTACAR A IMPORTÂNCIA DO CONTO ORAL

Em diferentes sociedades, os contos da tradição oral assumiram diversas formas. No Brasil, apresentam aspectos bastante diversificados – tendo sido classificados como *contos de exemplo, de animais, de encantamento, cômicos, religiosos, adivinhação, acumulativos, etiológicos, demônio logrado e ciclo da morte*⁶. Esses contos foram fundamentais para a difusão e popularização das culturas indígena e africana no nosso país. No entanto, é necessário esclarecer que, nesses povos, o conto tem papel fundamental na transmissão dos ensinamentos, pois ultrapassam o lúdico e ampliam o conhecimento através do seu caráter didático.

6 Cf. CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

Apesar de algumas comunidades brasileiras preservarem o legado cultural dos indígenas e dos africanos, vale ressaltar que, uma vez transmitida essa narrativa para a escrita, ela deixa de fazer parte da transmissão oral da literatura e passa a representar a oratura⁷ recriada, que seria a representação da oralidade na literatura de tradição africana.

Para finalizar a contextualização acerca do conto oral, é preciso lembrar que as narrativas indígenas e as africanas sustentaram-se por séculos, na oralidade, por meio da transmissão de histórias verdadeiras de antepassados, narrativas de guerras, fatos antigos ou, até mesmo, ficcionais. A tradição da transmissão oral foi mantida de geração em geração, e muitas foram recuperadas e/ou reescritas, o que permitiu que os contos indígenas e africanos conseguissem chegar aos dias atuais.

DINÂMICA: PESQUISA SOBRE AS NARRATIVAS ORAIS

- a) Estimular o aluno a lembrar de alguma história que já ouviu na infância e a contá-la para os colegas de turma. Essa história seria um bom exemplo de narrativa oral.
- b) Solicitar que os alunos pesquisem, na Internet ou em bibliotecas, contos africanos, indígenas ou brasileiros de origem africana e indígena.
- c) Pedir que comparem as histórias que encontraram com outras que já ouviram em sua infância, sejam de personagens bíblicos, entidades religiosas etc.
- d) Sugerir, após a apresentação dos exemplos dos alunos e dos contos pesquisados, uma comparação: pergunte, aos discentes, como as histórias ouvidas poderiam influenciar em sua personalidade e como os contos poderiam contribuir para a construção da identidade dos povos representados nessas narrativas.
- e) Para finalizar a pesquisa, auxiliar os alunos na interpretação do conto, na identificação de um traço cultural e na observação da relevância desse traço na cultura indígena ou africana (se necessário, com uma nova pesquisa).

7 Cf. PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre voz e letra**: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX. Niterói: EDUFF, 1995.

PASSO 3: COMPARAR O DISCURSO DIRETO AO DISCURSO INDIRETO

Depois das aulas dos elementos da narrativa, os alunos podem observar que o envolvimento ou não das vozes das personagens no discurso do narrador determina que tipo de discurso foi utilizado: o direto ou o indireto. O discurso direto é a reprodução textual da fala das personagens, e o discurso indireto, a incorporação da fala das personagens à linguagem do narrador.

No discurso direto, o narrador cede a fala à personagem e a reproduz integralmente, utilizando travessão ou aspas. Essa fala é, normalmente, acompanhada por um verbo de elocução, ou *dicendi*, seguido de dois-pontos. Segundo Garcia⁸, verbos como “disse”, “respondeu”, “perguntei”, indicam, no discurso direto, quem está com a palavra e fazem parte de orações justapostas, independentes.

Já no discurso indireto, o narrador incorpora a sua voz à fala ou ao pensamento da personagem. Há, novamente, a presença do verbo *dicendi*, e esses verbos constituem o núcleo do predicado da oração principal, cujo complemento é representado por orações encaixadas, introduzidas por conectivos.

Saber identificar o tempo, modo, pessoa do verbo *dicendi* é de suma importância, pois, através desse verbo, o aluno pode identificar o interlocutor que está com a palavra. Contudo, tão importante como as questões gramaticais advindas do uso desses verbos são os sentidos sugeridos ao leitor, por conta de sua significação. Alguns, inclusive, nem são classificados como *dicendi*, mas *sentienti*, como os casos de “gemer”, “suspirar”, “queixar-se”, muito utilizados no discurso direto.

DINÂMICA: TRANSPOSIÇÃO DO DISCURSO DIRETO PARA O INDIRETO

a) Como estratégia para internalizar a utilização dos diferentes tipos de discurso, sugerir que os alunos façam exercícios de transformar os discursos diretos em indiretos e vice e versa, para que possam compreender o emprego dos verbos e a sintaxe nos dois casos. Para facilitar esse exercício, apresente um quadro com alguns exemplos de transposição de discurso, como o que se segue.

⁸ GARCIA, Othon Moacir. **Comunicação em prosa Moderna**: aprenda a escrever aprendendo a pensar. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

DISCURSO DIRETO	DISCURSO INDIRETO
Enunciado em primeira ou em segunda pessoa: “Eu não confio mais na Justiça”; “Delegado, o senhor vai me prender?”	Enunciado em terceira pessoa: O detento disse que (ele) não confiava mais na Justiça. Logo depois, perguntou ao delegado se (ele) iria prendê-lo.
Verbo no presente: “Eu não confio mais na Justiça.”	Verbo no pretérito imperfeito do indicativo: O detento disse que não confiava mais na Justiça.
Verbo no pretérito perfeito: “Eu não roubei nada.”	Verbo no pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo ou no pretérito mais-que-perfeito: O acusado defendeu-se, dizendo que não tinha roubado (que não roubara) nada.
Verbo no futuro do presente: “Faremos justiça de qualquer maneira”	Verbo no futuro do pretérito: Declararam que fariam justiça de qualquer maneira.
Verbo no imperativo: “Saia da delegacia” - disse o delegado ao promotor.	Verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo: O delegado <i>ordenou</i> ao promotor que saísse da delegacia.
Pronomes este, esta, isto, esse, essa, isso: “A esta hora não responderei nada.”	Pronomes aquele, aquela, aquilo: O gerente da empresa tentou justificar-se, dizendo que àquela hora não responderia nada à imprensa.
Advérbio aqui: “Daqui eu não saio tão cedo.”	Advérbio ali: O grevista <i>certificou</i> os policiais de que dali não sairia tão cedo.

Sequência didática 3: Produzindo uma narrativa

A sequência final propõe atividades com o descritor do eixo *Produção Textual*. Espera-se que o aluno tenha desenvolvido, anteriormente, as habilidades relacionadas à *Leitura* e ao *Uso da Língua* que sirvam de ferramentas à construção de seu texto. Como sugestão, é interessante identificar e comparar os gêneros “crônica” e “conto”, para iniciar a atividade de produção da narrativa com ênfase no conto.

EIXO: LEITURA

- *Identificar e comparar os gêneros em questão.*

EIXO: PRODUÇÃO TEXTUAL

- *Planejar e produzir um texto narrativo com base nos gêneros estudados.*

No primeiro ciclo deste bimestre, o gênero estudado foi a crônica; e, no segundo ciclo, a ênfase recai sobre o conto. Desse modo, para produzir sua narrativa, o aluno deve identificar e comparar os dois gêneros textuais. Inicialmente, seria interessante que o aluno pudesse ter contato, mais uma vez, com um descritor de leitura *“Identificar e comparar os gêneros em questão”*, para, a partir dele, planejar a narrativa que deverá produzir.

PASSO 1: COMPARAR OS GÊNEROS “CRÔNICA” E “CONTO”

É natural que os dois gêneros possam ser confundidos pelos alunos, pois a própria crítica literária aponta que os limites que os separam são, muitas vezes, tênues. Levando-se em consideração a essência narrativa do conto e o fato de existirem inúmeras crônicas que não figuram como comentários ou reflexões do autor, mas sim como pequenas narrativas, é ainda mais fácil compreender a possível dificuldade que se apresenta aos alunos.

O que poderá contribuir para esta atividade – e ajudar a sanar as eventuais dificuldades – será, num primeiro momento, a habilidade de o aluno distinguir o texto ficcional do não ficcional. Conforme foi possível observar no trabalho do 1º ciclo, a crônica, muitas vezes, pode se distanciar da ficcionalidade, já que pode estar configurada como um comentário do autor sobre um fato do cotidiano ou como uma reflexão sobre um tema que lhe toca. Por sua vez, o conto literário é necessariamente ficcional. Nesse sentido, quanto maior for a habilidade do aluno em distinguir a ficção da não ficção, menor será sua dificuldade em diferenciar a crônica do conto.

Para facilitar a identificação desses dois gêneros e poder compará-los, é importante focalizar a estrutura básica dos dois gêneros, conforme o quadro que se segue:

ESTRUTURA BÁSICA DA CRÔNICA	ESTRUTURA BÁSICA DO CONTO
<p>Título – indiciador da posição do autor.</p> <p>Introdução – identificação do fato ou circunstância que motivou a crônica.</p> <p>Desenvolvimento – reflexão do autor sobre o fato, circunstância ou pessoa que motivou a crônica.</p> <p>Conclusão – arremate da crônica, com uma ideia global, que sistematiza e traz à evidência o resultado da reflexão do autor.</p>	<p>Título – indicador de uma síntese da história narrada.</p> <p>Apresentação – identificação das personagens e do cenário.</p> <p>Complicação – problemas apresentados pelo narrador e iniciados pelas personagens.</p> <p>Clímax – ponto-chave da narrativa, parte mais tensa da história.</p> <p>Desfecho – solução da complicação.</p>

DINÂMICA: IDENTIFICAÇÃO E COMPARAÇÃO DE CRÔNICAS E CONTOS

- Apresentar dois textos: uma crônica e um conto, sem identificar seus gêneros. Seria interessante que os temas fossem semelhantes, a fim de criar um diálogo mais direto entre os dois textos. Também é importante que sejam selecionados textos mais prototípicos, ou seja, com características mais marcantes da crônica e do conto.
- Analisar, junto aos alunos, os textos, identificando a estrutura básica de cada um. Se ele se encaixa no modelo do quadro da esquerda, ele será identificado como uma crônica. Se denota a estrutura narrativa mais definida como o da coluna da direita, ele pode ser identificado como um conto.
- Finalizando a dinâmica, pedir aos alunos que sublinhem – com canetas coloridas, canetas marca-texto e/ou lápis de cores – as partes básicas da crônica e do conto, a fim de ilustrar as partes características de cada gênero.

Como sugestão para ampliar essa dinâmica, seria interessante que fossem confeccionadas, pelos alunos, caixas de gêneros textuais. Como, no bimestre, os objetos de estudo são o conto e a crônica, podem ser feitas duas caixas, das de sapato, para os alunos pesquisarem textos, classificá-los e os armazenarem nas caixas. Essas caixas não seriam apenas repositórios de textos, mas fonte de consulta e troca de experiência de leitura entre os alunos⁹.

9 Sugestão adaptada de SOUZA, Ana Lúcia Silva; CORTI, Ana Paula; MENDONÇA, Márcia. **Letramento no Ensino Médio**. São Paulo: Ação educativa, 2009. p. 17.

PASSO 2: ORIENTAR A PRODUÇÃO DE TEXTOS NARRATIVOS

Estimular o aluno a produzir texto não é tarefa fácil, porém ela faz parte das habilidades a serem desenvolvidas no bimestre e, se forem aliadas às estratégias interessantes, podem proporcionar excelentes resultados.

Na escola, geralmente, as tarefas de produção textual, são recebidas pelos alunos com uma certa resistência. Por isso, seguem algumas dicas de como ambientar o aluno para que ele seja estimulado a construir uma narrativa.

- Propor um concurso literário de contos, a partir de uma história sugerida ou da reescrita de um conto estudado em sala de aula.
- Sugerir aos alunos que criem um *blog* literário e postem seus contos. Isso deve ser feito com o auxílio do professor para que não haja conteúdo impróprio.
- Sugerir a pesquisa em comunidades no *orkut* de contos literários, no *facebook* ou no *twitter*, em que há contos de até 160 caracteres (microcontos/nanocontos), e estimulá-los a produzir essa modalidade no ambiente virtual.
- Publicar as produções em uma pequena revista, ou livreto, quando possível, mesmo que de maneira artesanal, para estimular os alunos à autoria.
- Pesquisar os concursos literários de contos, crônica e poesias que estão abertos para o público, se atualizar das regras de participação e divulgar para os alunos.
- Convidar um escritor conhecido ou não pela comunidade escolar para falar sobre a sua produção e aproveitar a ocasião para fazer uma oficina de contos com outro professor que não dê aula para a turma, pois, às vezes, um colega de trabalho pode explorar o assunto de maneira diferente.

DINÂMICA: APRESENTAÇÃO DAS ETAPAS DE PRODUÇÃO DE UMA NARRATIVA (CONTO)

a) Planejamento – Quando o aluno for construir uma narrativa, ele deve planejar cada etapa de composição desse texto. Quem e quantos serão as personagens, o espaço ou ambiente onde ocorrerá a narrativa? Quem será o narrador, um narrador

observador ou a personagem protagonista? Qual será o tema do conto, pois deverá escolher o título que seja enigmático e, ao mesmo tempo, possa resumir a temática abordada. Também faz parte do planejamento um esboço do enredo do conto, com possíveis desfechos, para que o autor possa optar por aquele que entenda como mais envolvente.

b) Escrita – Na fase de escrita, o aluno deverá ser capaz de compreender os limites estruturais e temáticos definidos no planejamento. É a fase mais difícil da produção textual. Além de ter que materializar e expandir as ideias esboçadas na etapa anterior, ainda será necessário adaptar-se às mudanças que surgem ao longo da escrita e exigem estratégias novas de produção, uma vez que novas ideias vão se incorporando, enriquecendo o texto.

Um bom recurso é o *brainstorm* (tempestade cerebral), em que o aluno associará todas as informações pertinentes ao tema, de maneira aleatória. Na sequência, buscará elo entre essas informações – que poderão ser palavras ou frases soltas –, estabelecendo relação de coerência entre elas. A partir daí, o aluno poderá transcrever as ideias e partir para a produção propriamente dita.

c) Revisão – Nessa fase, o texto já tem um formato definido, mas é preciso fazer os ajustes de ortografia, coesão e coerência. É o momento para modificar um vocábulo ou outro com sentido mais específico, rever possíveis repetições de palavras. Também nessa etapa, observam-se as construções sintáticas das frases/orações, corrigindo as regências e concordâncias. Além disso, quando se tratar de texto digitado, a formatação de ser revista também, pois é um detalhe bastante importante na apresentação de qualquer texto. Solicite aos alunos que troquem de textos entre si. Os colegas oferecerão uma visão externa que contribuirá na identificação de problemas diversos – coesão e coerência, principalmente.

A fim de que você não se limite a essas sugestões e possa ampliar o planejamento de suas aulas e suas avaliações, é apresentada, a seguir, uma lista comentada com algumas das mais significativas e acessíveis fontes que podem enriquecer o trabalho com as habilidades focalizadas neste ciclo.

LIVROS TEÓRICOS

LEITURA

1. Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo e conflito.

Identificar os elementos do enredo: apresentação, complicação, clímax e desfecho.

- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Editora Ática, 2004.
Neste livro, a professora e pesquisadora Cândida Vilares sumariza as possibilidades estruturalistas de análise de romances e contos. Após focalizar a evolução do gênero narrativo – da epopeia ao romance burguês –, a autora aborda os elementos da narrativa: enredo, personagens, tempo, espaço, ambiente e narrador (pp. 5-17).
- SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 2000.
Neste livro, a autora analisa, entre as páginas 42-54, os principais elementos da narrativa: enredo, personagens, tempo, espaço e foco narrativo. O livro serve como uma ferramenta a instrumentalizar o professor no trabalho com essas categorias de análise.

2. Identificar e comparar os gêneros em questão.

- COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
O autor, Sérgio Costa, traz, em seu Dicionário de gêneros textuais, além dos próprios verbetes, uma introdução (pp. 14-27) que poderá dar base ao professor para o trabalho em sala de aula, principalmente sobre a comparação dos gêneros.
- FREITAS, Jeferson José. **O jornal em salas de aula de educação de jovens e adultos: informação e cidadania**. Curitiba: Aymará, 2009.
Apesar de ser um livro direcionado à EJA, traz informações sobre o texto jornalístico. Dentre eles, a crônica. A seguir, algumas indicações para uso em sala de aula:

a) Página 23 – texto sobre curiosidades da imprensa. A crônica, texto muito veiculado em jornais, diz respeito, geralmente, à atualidade. Nesse trecho do livro, pode-se verificar que o intuito de veicular informação sempre teve, em si, algum objetivo crítico.

b) Página 61 em diante – o livro traz à baila o gênero cronístico, incluindo atividades para serem feitas em sala de aula. Além disso, há outros gêneros que podem dialogar com o conceito de crônica.

- ARAPIRACA, Mary. Narrativas fazem sentidos. In: MUNIZ, Dinéia; SOUZA, Emília; BELTRÃO, Lícia (orgs.). **Entre textos, língua e ensino**. Salvador: UFBA, 2007. pp. 15-25. O artigo de Mary Arapiraca traz uma estrutura narrativa, característica do conto, que pode servir de base ao professor. Além disso, suas referências, nas páginas 24 e 25 trazem materiais para abordagem de contos com os alunos.

3. Reconhecer a importância do conto oral para o povo indígena e o africano.

- FERNANDES, Frederico Augusto Garcia (org.). **Oralidade e literatura**: manifestações e abordagens no Brasil. Londrina: Eduel, 2003. v.1. Introdução.
- BORGES, Luiz Carlos. Os Guarani Mbyá e a oralidade discursiva do Mito. In: FERNANDES, Frederico Augusto Garcia (org.). **Oralidade e literatura**: manifestações e abordagens no Brasil. Londrina: Eduel, 2003. v.1. pp. 1-20.
- TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Corpo e voz nas narrativas orais angolanas e moçambicanas. In: LEITE, Eudes Fernando e FERNANDES, Frederico Augusto Garcia (orgs.). **Oralidade e literatura**: outras veredas da voz. Londrina: Eduel, 2007. v. 3. pp. 141-151.

Essa trilogia publicada pela Eduel entre 2003 e 2007 apresenta uma série de ensaios importantes e minuciosos sobre o registro da cultura oral, abordando-o sob diversos ângulos. Trata-se de uma coletânea que demonstra o caráter significativo da oralidade.

USO DA LÍNGUA

4. Identificar o uso dos discursos direto e indireto.

- RIBEIRO, Manoel Pinto. **Gramática aplicada da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Metáfora, 2003.

Nas páginas 362 e 363, há uma breve explicação sobre a estilística da enunciação, que aborda, também, o uso dos verbos *dicendi*. Há exercícios estruturais para aplicação do conteúdo.

PRODUÇÃO TEXTUAL

5. **Planejar e produzir um texto narrativo com base nos gêneros estudados.**

- GARCIA, Othon. M. **Comunicação em prosa moderna**. 26. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

Neste livro, Othon Moacyr Garcia ensina o leitor não somente a escrever com clareza e objetividade, mas, sobretudo, a pensar de forma coerente, aguçando seu senso crítico. Destacam-se as páginas 246-259, nas quais o autor analisa a construção de parágrafos descritivos e narrativos.

- GUEDES, Paulo Coimbra. **Da redação à produção textual**: o ensino da escrita. São Paulo: Parábola, 2009.

O livro, conforme destacado no título, é dedicado integralmente ao ensino de produção textual. Entre as páginas 158-170, o autor aborda as qualidades dos textos narrativos. Mais a frente, entre as páginas 232-240, apresenta e analisa o conto “O caso da vara”, de Machado de Assis, para, em seguida, tematizar os procedimentos a serem adotados na produção de textos narrativos.

LIVROS DIDÁTICOS

LEITURA

1. **Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo e conflito.**

Identificar os elementos do enredo: apresentação, complicação, clímax e desfecho.

- CARNEIRO, Agostinho Dias. **Redação em construção**. 2. ed. São Paulo: Ed. Moderna 2001.

No capítulo 7 (pp. 68-93), o autor apresenta sob uma linguagem clara e objetiva todos os elementos da narrativa (narrador, tempo, espaço, personagens e enredo). Essa apresentação está acompanhada de exemplos de textos narrativos e exercícios para aplicação das categorias teóricas trabalhados.

- TERRA, Ernani e CAVALLETE, Floriana. **Português para todos**. 8ª série. São Paulo: Ed. Scpione, 2002.

Nas página 109, há um resumo bastante claro sobre os elementos do enredo. Lançando mão de uma comparação com história de filmes, os autores explicam em que consiste cada uma das partes constituintes do enredo (a apresentação, o conflito, o clímax e o desfecho).

- CEREJA, Willan Roberto; MAGALHÃES, Tereza Cochar. **Português: linguagens**. 8ª série, 4ª ed. São Paulo: Editora Atual, 2006.

Nas páginas 81 e 82, os autores apresentam um quadro sobre a estrutura típica de enredo e propostas de questões nas quais os alunos precisam identificar essa estrutura no texto “Tentação”, de Clarice Lispector. Entre as páginas 98-101 os autores trabalham os elementos tempo e espaço, de forma teórica e prática, a partir de um conto de Moacyr Scliar.

- KANASHIRO, Áurea Regina (Ed.) **Projeto Araribá**. 8ª série. São Paulo: Moderna, 2006.

Nas páginas 50-56, o livro trabalha com o gênero textual conto. Após a leitura de um conto, os alunos são expostos a atividades que envolvem a identificação dos elementos da narrativa e a dos elementos do enredo.

2. Identificar e comparar os gêneros em questão.

- CEREJA, Willian e COCHAR, Thereza. **Texto e interação**: uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos. 3.ed. São Paulo: Atual, 2009.

Nesse livro, temos a conceituação dos gêneros conto (pp. 283-317) e crônica (pp. 220-240) e atividades a serem desenvolvidas em sala de aula. Além disso, é possível estabelecer, com os alunos, a comparação entre os gêneros, utilizando os próprios exemplos apresentados pelo autor.

3. Reconhecer a importância do conto oral para o povo indígena e o africano.

- BARBOSA, Rogério Andrade. **Contos ao redor da fogueira**. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

Livro que foi intitulado como **Altamente Recomendável Para Jovens**, na FNLIJ de 1989, traz exemplos da oralidade africana para trabalho em sala de aula. O autor também tem outras obras, como pode ser visto no site:

http://www.rogerioandradebarbosa.com/obras_publicadas.asp.

- FREIRE, José Ribamar Bessa; MALHEIROS, Márcia. **Aldeamentos indígenas do Rio de Janeiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.

Contando histórias indígenas do Rio de Janeiro, o livro traz uma parte da cidade desconhecida pela maioria, que pode despertar a curiosidade e desafiar o alunado.

USO DA LÍNGUA

4. Identificar o uso dos discursos direto e indireto.

- NICOLA, José e TERRA, Ernani. Os tipos de discurso. In: **Práticas de linguagem: leitura e produção de textos**. São Paulo: Editora Scipione, 2001. pp. 343-357.

Nesse capítulo, a partir de textos selecionados literários ou não-literários, os autores introduzem os conceitos das três vozes do discurso, propondo a observação da produção textual de forma diferenciada. Apontam para um questionamento sobre a arquitetura do texto, sem esquecer o trabalho com o arcabouço gramatical.

PRODUÇÃO TEXTUAL

- Planejar e produzir um texto narrativo com base nos gêneros estudados. CEREJA, Willan Roberto; MAGALHÃES, Tereza Cochar. **Português: linguagens**. 8ª série, 4ª ed. São Paulo: Editora Atual, 2006.

Nas páginas 82 e 83, são apresentados três trechos iniciais de contos de escritores brasileiros. Em seguida, sugere-se que o aluno dê continuidade narrativa a cada um dos contos lidos. Nas páginas 117-119, são apresentados diferentes exemplos de contos e, na sequência, os autores elaboram uma proposta de produção de conto.

- DELMANTO, Dileta; CASTRO, Maria da Conceição. **Português: ideias e linguagens**. 8ª série, 12ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2006.

Nas páginas 93-95, os autores relembram as características gerais dos contos e sugerem que os alunos elaborem um conto policial a partir das dicas que apresentam para a escrita da introdução, do desenvolvimento e do desfecho.

LINKS

LEITURA

1. **Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo e conflito.**

Identificar os elementos do enredo: apresentação, complicação, clímax e desfecho.

- <http://www.youtube.com/watch?v=NAyCIZwMZXQ&feature=relmfu>

Este vídeo do *youtube* (13'14"), embora faça parte de uma série dedicada a vestibulandos, apresenta os elementos constituintes da narrativa, a partir da análise de um poema de Manuel Bandeira.

- <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=8165>

Este link, que pertence ao site *Portal do Professor*, apresenta uma sequência didática que, a partir da análise de diferentes textos narrativos, tem por objetivo aprofundar os conhecimentos dos alunos acerca dos elementos fundamentais da narrativa.

2. **Identificar e comparar os gêneros em questão.**

- http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/roteiropedagogico/publicacao/4084_CONTO_OU_CRONICA.pdf.

Esse link traz uma “colcha de retalhos” de várias conceituações sobre conto e crônica e pode servir de mote para discussão com os próprios alunos, a partir de contos e crônicas lidos em sala de aula.

- <http://www.youtube.com/watch?v=rB69zuwaKmo&feature=related>.

Clipe da música “O ladrão besta e o sabido”, de Caju e Castanha, que pode ser levada para sala de aula com a seguinte pergunta: trata-se de uma espécie de crônica? Associada a alguma crônica escrita sobre a corrupção, por exemplo, pode ter seus elementos comparados, principalmente com relação à parte de crítica de situações da atualidade.

- <http://www.youtube.com/watch?v=VymrupLeMFA>.
Vídeo com companhia de teatro Terça Insana, humorístico, que também é uma espécie de conto, contextualizado na adolescência. A partir da história contada em primeira pessoa, é possível aplicar a parte teórica, identificando a estrutura do conto.
3. **Reconhecer a importância do conto oral para o povo indígena e o africano.**
- <http://museudaoralidade.org.br/>
Site do museu que propõe contar histórias que são passadas pelas gerações. Ponto de partida para discutir a questão da oralidade, que está presentes em vários povos, como os gregos e romanos, por exemplo.
 - <http://www.youtube.com/watch?v=-N8XF8t7PqI>
Vídeo que tem uma ambientação africana, mas menciona os três povos que formaram a cultura brasileira. Há um conto, curto, que pode ser discutido em sala de aula.
 - <http://www.youtube.com/watch?v=gxUiV9-R26k>
Filme francês que conta uma história tradicional africana. Pode ser visto com a turma e depois discutidos seus elementos, levando em consideração a estrutura de conto estudada.
 - <http://www.youtube.com/watch?v=gEYiDPr9JF0&feature=related>
Vídeo que mostra ritual de passagem para a vida adulta da tribo Kamayurá. Nesse caso, fica patente a importância da oralidade no que diz respeito à herança identitária do povo indígena, o que pode ser análogo ao povo africano.
 - **Filme: Povos Indígenas: conhecer para valorizar**
<http://www.youtube.com/watch?v=Tf-tOJGRYOI&feature=relmfu>
<http://www.youtube.com/watch?v=0jaRI0KOrms&feature=relmfu>
<http://www.youtube.com/watch?v=VZmWUF3e75I&feature=relmfu>
<http://www.youtube.com/watch?v=XhZPOcYy6Wk&feature=relmfu>
http://www.youtube.com/watch?v=IPqYxU9dd_M&feature=relmfu
O média-metragem foi produzido pela Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, mas já está disponível no Youtube. Documentário composto por entrevistas

de representantes de várias áreas do estudo sobre as comunidades indígenas e suas culturas. Discutem-se conceitos como alteridade, sustentabilidade, preservacionismo e ecologia.

USO DA LÍNGUA

4. Identificar o uso dos discursos direto e indireto.

<http://falabonito.wordpress.com/2006/12/13/narracao-discursos-direto-indireto-e-indireto-livre/>.

Blog com base teórica e vários exemplos de conversão de discurso direto para indireto, e vice-versa. No caso, trata-se de oportunidade para indicar aos alunos material de internet que possa dar base conceitual.

- http://www.youtube.com/watch?v=_hEXqgQzy8.

Curta metragem de animação que pode ser utilizada como mote para proposta de exercício: a história contada sob o ponto de vista de cada personagem. Como não há falas no desenho animado, indicar que os alunos deverão exercitar os discursos direto e indireto, levando em consideração o foco narrativo.

PRODUÇÃO TEXTUAL

5. Planejar e produzir um texto narrativo com base nos gêneros estudados.

- <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=21170>

Neste *link*, do Portal do Professor, encontra-se uma sequência didática que possui como um de seus objetivos a produção escrita de um conto.

COMO AVALIAR?

Para que se possam alcançar bons resultados no processo de ensino e aprendizagem, os alunos precisam ser observados e avaliados ao longo de todo o bimestre, nas atividades de leitura, uso da língua e produção textual. Mesmo com a divisão formal desses três eixos,

é importante que eles não estejam dissociados. Como sugestão de trabalho, essas observações podem ser anotadas em uma planilha que abordará os aspectos da leitura dos textos, da estrutura do gênero, da gramática, do uso da linguagem e das produções dos alunos. Essas observações podem facilitar na avaliação final do bimestre.

LEITURA

Como o foco do 2º ciclo do bimestre é o gênero narrativo “conto”, inicialmente, é importante verificar se o aluno alcançou domínio (bom, parcial ou insuficiente) dos traços centrais do gênero na sua interpretação, como:

- A condensação das categorias da narrativa: o enredo, o espaço, o tempo, as personagens e o narrador;
- A brevidade nos *sintomas* e não nas *causas*¹⁰. Os *sintomas* ou as ações narradas, nos contos, são curtos, geralmente com pouca riqueza de detalhes. O escritor concentra-se nas *causas*, das quais o leitor pode depreender a partir da omissão dos detalhes sintomáticos da narrativa.
- Especificamente na produção de texto, a hierarquização e concentração dos fatos de forma a provocar, no leitor, um efeito marcante. Neste item, é preciso verificar se o aluno omitiu o que não foi essencial para o “impacto” do leitor na leitura do conto. Isso pode ser percebido através da observação da *expansão* dos “motivos” relacionados à temática do conto e da *contração* das informações de menor relevância para a construção do enredo.
- A apresentação dos pontos de vista entre as vozes do narrador e das personagens, na temática central do conto.¹¹

Ainda na avaliação do eixo de *Leitura*, é importante observar se o aluno consegue estabelecer, através de um processo comparativo, as relações entre o conto e os demais gêneros estudados anteriormente. O aluno deve, portanto, após a leitura de textos canônicos, ou seja, de contos ou crônicas com características bem marcantes de cada gênero estudado, apontar as diferenças que sejam mais aparentes na classificação dos textos escolhidos.

10 Para Norman Friedman, em *Whats makes a short story short?*, o conto é breve por uma “causa”, isto é, sua forma de construção pede que ele seja curto. Cf. ABDALA Jr., Benjamin. **Introdução à análise da narrativa**. São Paulo: Scipione, 1995. p.17.

11 Cf. GOTLIB, Nádia Battella. **Teoria do conto**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

Para ampliar a competência do aluno no eixo de *Leitura*, é necessário, também, observar, neste ciclo, se o aluno reconhece a importância do conto oral para o povo africano e o indígena. Avaliar esse reconhecimento nem sempre é tarefa fácil; todavia, através da leitura do conto sugerido no *Roteiro de Atividades (Como nascem as estrelas do céu)*, é possível observar se os alunos percebem a afinidade que esses povos têm com a oralidade, como transmissão de valores, crenças e costumes.

USO DA LÍNGUA

Para que o trabalho com os contos seja mais rico, é interessante verificar se os alunos conseguem identificar as principais figuras de linguagem e explicar o sentido que elas podem sugerir no texto. No entanto, é importante ressaltar que nem sempre a identificação das figuras de linguagem garante ao leitor condições de classificá-las adequadamente. Portanto, são observações que devem ser avaliadas sequencialmente: a) identificar a expressão, frase ou palavra com sentido conotativo; b) verificar se o aluno relaciona o “novo” sentido, o conotativo, ao sentido denotativo, buscando semelhanças entre os seus campos semânticos; e c) observar se o discente alcançou a identificação/classificação da figura de linguagem empregada.

Ainda no que se refere ao uso da língua, no estudo dos contos, é importante verificar se o aluno compreende que, no gênero estudado, há estratégias do autor na construção do foco narrativo. Ele deve ser indagado, oralmente ou através de avaliações escritas, sobre essa estratégia de alternância de vozes no texto narrativo, pois os discursos diretos e indiretos estão diretamente ligados ao envolvimento do narrador no enredo e à construção sintática do discurso, bem como ao emprego dos verbos *dicendi*.

O aluno precisa observar que, no discurso indireto, há maior envolvimento do narrador, pois ele incorpora a voz da personagem; e, no discurso direto, o narrador apenas apresenta a fala da personagem, conferindo certa “liberdade” na sua construção ideológica.

PRODUÇÃO TEXTUAL

Os descritores de *Leitura* e *Uso da Língua* são importantíssimos para a consolidação da proposta de produção textual do bimestre. Afinal, no reconhecimento da estrutura do gênero estudado, o aluno internaliza a tipologia narrativa, a fim de compor um texto a partir dos modelos propostos.

Na atividade de produção textual, é necessário observar os seguintes critérios, para não privilegiar somente uma competência:

- Quanto à *estrutura* do gênero estudado: confirmar a presença dos elementos da narrativa (tempo, espaço, personagens, narrador e enredo). Apesar de o descritor solicitar que o aluno planeje e produza um texto narrativo com base nos gêneros estudados, e neste ciclo, focalizarmos o conto, o aluno pode inserir elementos dos dois gêneros do bimestre.
- Quanto à coesão e *coerência*: observar, com cuidado, as coordenações das ações, na progressão temporal, a existência de repetições gratuitas e o emprego adequado das conjunções.
- Quanto ao *domínio da norma padrão*: verificar se o registro e as variantes linguísticas estão adequadas à situação de produção do texto escrito. Também é importante observar se a pontuação, a ortografia, a colocação pronominal, a sintaxe de concordância e a regência estão adequadas ao registro utilizado pelo aluno – tendo em vista o contato com esses conteúdos até o 9º ano do Ensino Fundamental.
- Quanto à capacidade de *criatividade*: considerar a originalidade com que a temática foi trabalhada. É importante verificar se o aluno produziu um texto baseado em temáticas apresentadas ou adaptadas de colegas de turma ou se ele inovou no ato de criar a história e apresentou algo mais autêntico.